

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**Denise Pereira da Silva**

**Os gêneros de conhecimento na filosofia de Espinosa**

Trabalho de Conclusão de Curso

Porto Alegre  
Dezembro 2013

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>3</b>
Objetivo .....	3
Apresentação da estrutura do trabalho .....	5
<b>Capítulo 1: Os principais conceitos da filosofia espinosista .....</b>	<b>6</b>
1.1 - <i>Conhecer segundo Espinosa</i> .....	6
1.2 - <i>A ontologia espinosista</i> .....	7
1.2.1 - <i>Corpo e Alma</i> .....	8
1.3 - <i>De volta à Teoria do Conhecimento</i> .....	10
1.3.1 - <i>O conceito de ideia</i> .....	10
1.3.2 - <i>Ideias adequadas e inadequadas</i> .....	11
1.4 - <i>O conceito de Verdade</i> .....	13
<b>Capítulo 2: Os gêneros de conhecimento .....</b>	<b>19</b>
2.1 - <i>Os modos de conhecimento no Breve Tratado</i> .....	20
2.2 - <i>Os modos de perceber no Tratado da Correção do Intelecto</i> .....	21
2.3 - <i>Os gêneros de conhecimento na Ética</i> .....	28
2.4 - <i>As diferenças entre os modos de conhecimento</i> .....	30
2.5 - <i>Qual o melhor gênero de conhecimento?</i> .....	35
<b>Conclusão .....</b>	<b>38</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>41</b>

## Introdução

### *Objetivo*

A tarefa que este trabalho se propõe a realizar é investigar o modo pelo qual Espinosa responde a uma das questões tradicionais do problema do conhecimento, a saber, a determinação dos procedimentos apropriados para a obtenção do conhecimento em sentido próprio, verdadeiro e justificado. Não se trata, pois, de uma investigação acerca de sua concepção sobre a natureza do conhecimento, embora esta seja aqui pressuposta e, portanto, devidamente esclarecida no momento próprio.

Tal diferenciação é essencial, pois a primeira tem por objetivo buscar uma definição para o que seja conhecimento, isto é, encontrar um conjunto de condições necessárias e suficientes para que algo seja classificado legitimamente como conhecimento. Enquanto a segunda, por sua vez, contém seus esforços em um estudo sobre a estrutura do conhecimento; o que pode ser compreendido de pelo menos duas maneiras: um estudo dos elementos envolvidos na composição do conhecimento ou um exame das faculdades e processos envolvidos na produção de conhecimento. Nesse caso, o exame é puramente descritivo e não normativo, ou seja, não possui a pretensão de determinar os limites do conhecimento humano.

No *Tratado da Correção do Intelecto*<sup>1</sup>, é possível encontrar uma exposição clara sobre as intenções e objetivos filosóficos de Espinosa ao compor esta obra. A razão pela qual a questão sobre limites do conhecimento não se coloca na filosofia espinosista encontra um fundamento na seguinte afirmação sobre qual **não é** o seu objeto de investigação:

*Não haverá aqui uma investigação sem fim, a saber, para se descobrir qual o melhor método de investigar a verdade, não é necessário outro método para investigar qual o método de investigar a verdade; e para que se investigue este segundo método, não é necessário um terceiro e*

---

<sup>1</sup> As obras serão referidas a partir de agora da seguinte maneira:

*Tratado da Correção do Intelecto*: TCI, seguido do número correspondente ao parágrafo citado.

*Ética*: E, seguida respectivamente dos números da parte e proposição correspondente.

*assim ao infinito: por esse modo nunca se chegaria ao conhecimento da verdade, ou, antes, a conhecimento algum.*<sup>2</sup>

Além de explicitar sua crítica sobre a exigência de se investigar preliminarmente os métodos para se investigar a verdade, Espinosa define sua trajetória, concentrando seus esforços na caracterização das diferentes maneiras pelas quais conhecemos das coisas. Sua busca é pela melhor dentre as diferentes ferramentas de que dispomos para conhecer; mas ele a realiza através de uma reflexão sobre aquilo a que o método deve conduzir: a verdade. Essa reflexão parte da discriminação dos modos pelos quais conhecemos as coisas, que estabelece os diferentes processos cognitivos envolvidos em cada um deles e seu funcionamento, e prossegue explicitando a diferença entre a contemplação direta da verdade e o conhecimento inferencial, no qual a causa é deduzida do seu efeito. Deste modo, Espinosa pretende definir um modo de conhecer que é superior ao racional: a ciência intuitiva, com base na qual que o projeto ético do autor se desenvolve, pois é a ciência intuitiva que torna possível ter uma vida afetivamente ativa e feliz.

Com base na relação direta entre a busca do conhecimento humano e o alcance da felicidade pessoal encontrada na teoria espinosista, Margaret Wilson, defende que Espinosa não deve ser considerado um pensador "moderno" ou "pós-cartesiano". Espinosa não vê o conhecimento humano como um mero instrumento na busca pela virtude, ao contrário da concepção cartesiana onde *"mesmo o conhecimento de Deus tem uma função primordialmente instrumental, isolando de toda ameaça de dúvida as percepções claras e distintas sobre as quais ele busca fundamentar uma ciência da natureza firme e pensante"*<sup>3</sup>. Na *Ética*, o desenvolvimento intelectual está estreitamente associado à constituição da vida ética: *"toda vida afetiva e ética do homem depende da natureza do seu conhecimento"*<sup>4</sup>. Como Espinosa revela mais tarde na *Ética*, o conhecimento não é apenas uma ferramenta, ele em si é *a própria virtude*.

---

<sup>2</sup> TCI30

<sup>3</sup> Cambridge Companion, 1996. Teoria do Conhecimento de Spinoza. Wilson, Margaret. Pg 124.

<sup>4</sup> GLEIZER, M. A. (2005). *Espinosa ea afetividade humana* (Vol. 53). Zahar.

Apesar desta diferenciação, é comum entre comentadores a comparação entre os conceitos espinosistas e a teoria do conhecimento de Descartes. A tendência geralmente encontrada em análises de ambas as teorias contém frequentemente uma leitura dos conceitos utilizados por Espinosa em contraste com os de Descartes. Alguns defendem que Espinosa teria desenvolvido pontos específicos de sua teoria em resposta ao que ele considerava como sendo deficiente no trabalho de Descartes<sup>5</sup>. Tal comparação encontra embasamento no que diz respeito a alguns conceitos específicos como, por exemplo, ideia, juízo e certeza, porém pode limitar a compreensão da teoria do conhecimento na obra de Espinosa. De acordo com Wilson, "*os esforços para subordinar o tratamento de tópicos epistemológicos por Espinosa à tradição cartesiana pode muito facilmente nos distrair de nos acertarmos com o ímpeto básico de seu sistema e com o papel do conhecimento nele*"<sup>6</sup>. É fato que existem influências e é fato também que Espinosa se coloca contrariamente ao método desenvolvido por Descartes, principalmente em sua teoria do conhecimento. Porém, como o intuito do presente trabalho se restringe à teoria do conhecimento de Espinosa e o interesse é alcançar o mais claro entendimento desta, seguimos a visão de Margaret Wilson e as comparações entre ambas teorias não serão aqui exploradas.

#### *Apresentação da estrutura do trabalho*

A estrutura do trabalho será dividida em três partes. A primeira delas visa esclarecer minimamente o vocabulário espinosista, criando uma base para o que será exposto a seguir. Na segunda parte, será feita uma análise dos gêneros de conhecimento na obra de Espinosa. Para uma compreensão abrangente da concepção espinosista acerca do conhecimento humano haverá aqui uma exposição do conteúdo do *Breve Tratado* e análises do *Tratado da Correção do Intelecto* e da *Ética*. Por fim, as hipóteses de resposta à pergunta sobre o conhecimento serão expostas e estudadas, para concluir com alguma segurança quais são vias para a obtenção de um conhecimento verdadeiro e se, de fato, os diferentes gêneros podem ser aceitos como vias para o conhecimento.

---

<sup>5</sup> Ver Curley, 1988. *Behind The Geometrical Method: A Reading of Spinoza's Ethics*. Princeton University Press.

<sup>6</sup> *ibidem* 3.

## Capítulo 1: Os principais conceitos da filosofia espinosista

### 1.1 - Conhecer segundo Espinosa

A maneira de lidar com questionamentos sobre o conhecimento humano, vestiu-se ao longo da história da filosofia das mais variadas formas. No diálogo de Platão, *Teeteto*, a definição a que chegam os interlocutores, mesmo que provisória, é a de conhecimento como sendo uma crença verdadeira e justificada:

*...conhecimento é opinião verdadeira acompanhada da explicação racional, e que sem esta deixa de ser conhecimento. As coisas que não encontram explicações não podem ser conhecidas.*  
(201d)

Embora Espinosa subscreva de modo geral essa concepção, ele introduz algumas diferenças importantes, que serão o tema do primeiro capítulo deste trabalho. Por exemplo, ser verdadeiro é condição suficiente – e não apenas necessária – de ser justificado: *“Aquele que tem uma ideia verdadeira, sabe, ao mesmo tempo, que tem uma ideia verdadeira e não pode duvidar da verdade da coisa”* (E2P43). Sendo assim, o principal conceito a ser analisado no presente trabalho será o conceito de verdade e como Espinosa formula esse conceito em sua teoria do conhecimento.

Na concepção tradicional de conhecimento, a verdade, aceita também por Descartes, a verdade se define pela adequação de uma descrição com as coisas que descreve. Daí, porém, não decorre que uma descrição verdadeira possa ser reconhecida como tal. Ora, a partir do momento em que Espinosa afirma que basta ser verdadeiro para ser justificado, como então se distingue a verdade do reconhecimento da verdade? Esta é uma das questões que pretendo responder ao longo do trabalho.

Outra característica importante da concepção espinosista sobre o conhecimento está na identificação do conhecimento humano com uma parte do conhecimento divino:

*A mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus. Assim, quando dizemos que a mente humana percebe isto ou aquilo não*

*dizemos senão que Deus, não enquanto é finito mas enquanto é explicado por meio da natureza da mente humana, ou seja, enquanto constitui a essência da mente humana, tem esta ou aquela ideia.*(E2P11c)

Assim, a mente humana é *parte constituinte do intelecto divino*, na medida em que é uma expressão de um atributo divino. Não se trata apenas de uma união entre intelecto divino e humano, mas de uma identificação entre nosso entendimento e parte do entendimento de Deus. O conhecimento presente no intelecto humano é parte do conhecimento divino. A relação do conhecimento humano e o conhecimento divino, juntamente com a ideia de substância única, são aspectos característicos do pensamento espinosista. Esses conceitos encontram sua base conceitual na *Ética*.

Devido à evidente particularidade conceitual encontrada nas definições de conhecimento humano e de conhecimento divino, torna-se imprescindível, antes de partir a uma exposição de sua teoria do conhecimento, a realização de um esclarecimento sobre a sua ontologia e seus principais termos.

## 1.2 - A ontologia espinosista

É relevante que Espinosa inicie a *Ética* com a definição de "causa de si" (*causa sui*), ao invés dos conceito de substância (E1d3) e Deus (E1d6):

*Por causa de si entendo aquilo cuja essência envolve a existência; ou por outras palavras, aquilo cuja natureza não pode ser concebida se não como existente.* (E1D1)

Isso é comumente compreendido pelos comentadores como signo da importância deste conceito para a caracterização posterior – e propriamente espinosista - do conceito de substância<sup>7</sup>, que recebe uma definição, de certa forma, tradicional:

*Por substância entendo o que existe por si e por si é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não carece do conceito de outra coisa do qual deva ser formado.* (E1D3)

---

<sup>7</sup> "A Causa de si torna possível o conhecimento da primeira causa, e liberdade, eternidade, infinitude, indivisibilidade, são consequências de seu ato de absoluta posição por si. Não é, pois, surpreendente que a definição da causa de si venha em primeiro lugar" André Scala (2003 pg.116) em referência a Guérout, Spinosza I, p.41-2.

Por outro lado, o estatuto da definição de Deus<sup>8</sup> coloca problema na medida em que, diferentemente de todas as outras, parece não ser uma definição nominal. Nesse caso, por que ela não seria a primeira das definições? E qual a sua relação com o conceito de substância? O conceito de causa de si, herdado de Descartes, mas extremamente problemático, parece ser o elo entre esses dois conceitos e a resposta para essas questões.

A substância<sup>9</sup>, é a causa única da existência do mundo e de todas as coisas: *“Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido”*<sup>10</sup>, incluindo o conhecimento. Na demonstração da proposição 20 da 2ª parte da *Ética*, Espinosa passa a uma investigação sobre o conhecimento da alma humana, e a identidade existente necessariamente entre o conhecimento divino e o pensamento:

*O pensamento é um atributo de Deus, por consequência deve necessariamente existir em Deus a ideia tanto dele mesmo como de todas as suas afecções, e, conseqüentemente, também a ideia da alma humana. [...] a ideia ou conhecimento da alma resulta em Deus e está em Deus na mesma relação que a ideia ou conhecimento do corpo...*

E ele continua na proposição 21:

*Esta ideia da alma está unida a alma da mesma maneira que a própria alma está unida ao corpo.*

A ideia da alma humana existe em Deus. Isso repercute de maneira direta na concepção de conhecimento de Espinosa. O conhecimento humano não é mais algo isolado da verdade divina, e muito menos o intelecto divino é algo a que não se tem acesso: todas as ideias existentes no intelecto humano, existem igualmente no intelecto divino.

### 1.2.1 - Corpo e Alma

Corpo e alma na teoria espinosista, são os dois aspectos de uma mesma realidade, são dois **modos de expressão** de dois dos **atributos** da **substância**

---

<sup>8</sup> E1d6: "Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita."

<sup>9</sup> E1P14.

<sup>10</sup> E1P15.



**divina.** A alma é uma ideia, isto é, uma expressão determinada do pensamento e o corpo, uma expressão determinada da extensão ambos atributos que expressam a essência de Deus. Para um melhor esclarecimento desses conceitos essenciais, recorro aqui a Marilena Chauí (1995). Segundo a autora, o que Espinosa entende por atributo são as *“qualidades essenciais que constituem o próprio ser da substância”*. Ou seja, ao identificar pensamento e extensão como sendo atributos da substância divina, Espinosa pretende realçar o fato de que, para ele, tanto pensamento quanto extensão são qualidades constituintes de Deus (o que implica aceitar que Deus também é uma coisa extensa), e o corpo *“um modo que exprime, de uma maneira certa e determinada, a essência de Deus, enquanto essa é considerada como coisa extensa”*<sup>11</sup>.

A alma humana além de ser a consciência<sup>12</sup> das afecções que seu corpo extenso sofre, é também parte constituinte da inteligência divina (assim como nossas ideias, e por conseguinte, nosso conhecimento). As percepções da alma humana constituem uma parte da inteligência de Deus, que tem acesso ao que afeta a alma. O conhecimento humano e as afecções percebidas pela alma humana são parte constituinte da inteligência divina. Pode se dizer que através da alma humana, Deus adquire sua infinita inteligência.

O corpo, por sua vez, é o objeto da ideia que constitui a alma humana, um modo determinado da extensão<sup>13</sup>. Marcos Gleizer, explica mais claramente: "O pensamento e a extensão (os dois únicos atributos conhecidos por nós) não caracterizam substâncias finitas distintas, mas constituem expressões heterogêneas e infinitas de uma única realidade substancial. Ou seja, o universo material infinito e o universo mental infinito são duas expressões diferentes de uma mesma realidade"<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> E2D1.

<sup>12</sup> O termo "**consciência**" aqui pode ser lido também como Ideia, só usei esse termo para elucidar melhor a intenção do autor no uso do termo 'ideia'. (a ideia é a percepção que alma tem do corpo)

<sup>13</sup> E2P13.

<sup>14</sup> GLEIZER, M. A. (2005). *Espinosa ea afetividade humana* (Vol. 53). Zahar. P.18.

## 1.3 - De volta à Teoria do Conhecimento

### 1.3.1 - O conceito de ideia

Dadas estas definições, é possível perceber que a teoria do conhecimento de Espinosa têm como um de seus alicerces o conceito de “ideia”. Além de definir a essência da alma e ser o que estabelece a relação entre o conhecimento divino e o conhecimento humano, o conceito de ideia é também o que é produzido corretamente ou confusamente dos modos de conhecer apresentados por Espinosa. A compreensão dos conceitos de ideia, ideia adequada e inadequada é essencial para uma compreensão correta e clara da teoria do conhecimento espinosista.

Ideia, segundo definição encontrada na *Ética* é “*um conceito da alma, que a alma forma pelo fato de ser uma coisa pensante*”<sup>15</sup>. Espinosa explica posteriormente que privilegia o termo *conceito*, em detrimento do termo *percepção*, com a intenção de explicitar o **caráter ativo da mente humana**, pois o conceito de ideia remete a uma ação da alma humana. Assim, segundo o filósofo, a alma é ativa no momento em que tem um conceito e esse conceito estruturado pela mente, formando assim uma ideia.

É a partir das ideias que constituímos o nosso conhecimento. Ela é “*um modo de pensamento que representa alguma coisa. Um modo de pensamento representativo*” (Deleuze, 1978). Eu vejo algo, sou afetado de alguma forma, o que significa que tenho em mim um conceito mental desta coisa. Conceito esse que seguirá comigo toda vez que eu quiser me referir àquela coisa. Neste conceito, estão notas características de algo que me permitem fazer referência a ele, mesmo na sua ausência. Mas como não dispomos inicialmente de perfeito intelecto, é inevitável o reconhecimento de que ao longo da vida cometemos enganos e nem sempre as ideias, ou pensamentos estruturados sobre algo se mostram serem verdades eternas, por isso, Espinosa deve dar conta desses eventuais equívocos. Para tanto, ele recorre aos conceitos de **ideia adequada e ideia inadequada**.

---

<sup>15</sup> E2D3.

### 1.3.2 - Ideias adequadas e inadequadas

Em E2d4, temos uma definição clara do que o autor entende por **ideia adequada**: “uma ideia que enquanto é considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira”. Para um melhor esclarecimento deste conceito recorro à exposição feita por Marilena Chauí(1995) sobre o assunto:

*Nas ideias adequadas ou intelectuais, somos plenamente ativos: nosso intelecto, por uma força que lhe é própria, conhece por si mesmo as causas e efeitos das ideias, os nexos que formam com outras conexões e ordens internas e necessárias, (...) elas nos oferecem sistemas de relações, aquilo que os cientistas chamam de leis da realidade, (...) e oferecem-nos conhecimento de essências singulares, isto é, a natureza e a realidade íntimas e verdadeiras de alguma coisa.(p. 39)*

O conhecimento do ordenamento das causas e efeitos das coisas é, portanto, a principal chave para a compreensão do conceito e, nesse sentido, deverá ser esclarecido no decorrer da investigação deste trabalho.

Para a compreensão do conceito de ideia inadequada, foi feita uma análise preliminar sobre a maneira como Espinosa o utiliza ao longo de suas proposições. A partir da proposição 23 da segunda parte da *Ética*, a investigação passa a ser sobre o conhecimento que a alma humana pode ou não ter do corpo humano. Ao desenvolver tal raciocínio, Espinosa diz que o conhecimento envolvido nesta relação **não é o conhecimento adequado**. De um modo geral, nas proposições subsequentes, até a 29, ele afirma que a alma humana por ter conhecimento do corpo humano através de afecções, não tem um conhecimento adequado

*...todas as vezes que a alma humana percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, não tem um conhecimento adequado nem de si mesma, nem de seu próprio corpo, nem de corpos exteriores, mas somente um conhecimento confuso e mutilado.(E2P29C).*

Ou seja, dizer que **eu não tenho um conhecimento adequado** de algo é o mesmo que dizer desse conhecimento que ele é **confuso e mutilado**. Mas não ter um conhecimento adequado é o mesmo que dizer de uma ideia que ela é inadequada?

Espinosa cita as ideias inadequadas pela primeira vez na segunda parte da *Ética*, na proposição 35 e da seguinte maneira:

*A falsidade consiste numa privação de conhecimento que envolve as ideias inadequadas, isto é, mutiladas e confusas.*

As ideias inadequadas são colocadas pelo autor como parte constituinte do que ele chama de “falsidade”, quando há uma privação de conhecimento (observe-se que não se trata aqui de **ausência** de conhecimento).

A responsabilidade pelo erro ou engano está na alma e não nos objetos. Existe um conhecimento envolvido, o objeto é conhecido, apesar de limitadamente, o erro está no encadeamento que a alma faz dos objetos que ela conhece. O fato de você encadear erradamente as ideias que possui lhe privam de um conhecimento que poderia ser alcançado se você encadeasse corretamente essas mesmas ideias. O exemplo dado pelo autor é o dos seres humanos que se julgam livres, sem sequer conhecer as causas de seus atos. Você age, mas não sabe por quê. Sem conhecer as verdadeiras causas destes atos, os seres humanos em geral, delegam a si mesmos esta responsabilidade.

Ideias inadequadas são, de certa maneira, necessárias para que aja falsidade, o erro no encadeamento das ideias deixa um espaço em aberto, e esse espaço é preenchido pelas ideias inadequadas<sup>16</sup>. Se, baseados em ideias de afecções criarmos uma ideia de algo, tal ideia pode não ser adequada, ou seja, não corresponde com a realidade daquele objeto; p. ex, o sol visto da terra parece ser bem menor do que realmente é, esta é uma ideia obtida pelos sentidos, e que não corresponde à realidade. A ideia inadequada, vem do fato de enxergarmos o sol pequeno, apenas essa ideia, sem qualquer correção, poderia dar origem a uma percepção falsa, a saber, de que o sol é pequeno. Mas, mesmo depois de corrigir essa percepção, quando se aprende que o tamanho do sol é várias vezes o tamanho da terra, a percepção deste não se altera. Na minha ideia, quando penso no sol, mesmo sabendo que seu tamanho é várias vezes o da terra, ele continua podendo

---

<sup>16</sup>A esse respeito, ver E4P1.

ser coberto com apenas um dedo.<sup>17</sup> A ideia de qualquer afecção não envolve o conhecimento adequado do corpo exterior<sup>18</sup>. Ou seja, não através da afecção que se obtém conhecimento. É possível determinar apenas como determinado corpo externo me afeta, mas este conhecimento não me dá um conhecimento adequado desta coisa. Em outras palavras, afecção humana e conhecimento adequado de um corpo exterior são conceitos que não possuem envolvimento na teoria espinosista.

Mas se não é através das afecções que eu encontro um conhecimento adequado das coisas, como esse tipo de conhecimento seria possível? Para isso, primeiramente, é necessário que compreendamos como Espinosa compreende o conceito de verdade, e como ele utiliza esse conceito ao longo de sua teoria.

#### 1.4 – O conceito de Verdade

No *TCI* é possível encontrar uma importante afirmação de Espinosa sobre a forma da verdade em sua teoria e o caráter intrínseco que a determina:

*Quanto ao que se constitui a forma da verdade, é certo que o pensamento verdadeiro se distingue do falso não apenas por uma denominação extrínseca, mas principalmente por uma intrínseca. (...) se alguém disser que Pedro, por exemplo, existe, mas ignorando que exista, seu pensamento é falso a respeito de Pedro, ou, se preferes, não é verdadeiro, ainda que Pedro exista de fato. (TCI69)*

Essa descrição, mostra a importância que Espinosa dá ao pensamento em detrimento daquilo que exterior a ele. Mais uma vez Espinosa diminui a importância do mundo exterior na busca pelo conhecimento, mas não a anula. Segundo Gleizer, a afirmação acima deve ser lida da seguinte forma: *"Uma afirmação só é verdadeira se possuímos um saber certo referente ao objeto afirmado"*<sup>19</sup>. É importante esclarecer que a referência ao objeto, ainda possui relevância na caracterização da verdade.

---

<sup>17</sup>- E2P35 esc. O exemplo nas palavras de Espinosa se refere à ilusão sobre a distância que o sol parece estar de nós, e não o tamanho. Porém como as duas coisas estão intimamente relacionadas, dei preferência aqui para a ideia visual do exemplo.

<sup>18</sup> E2P25

<sup>19</sup> Gleizer, 1994. pg: 138.

*A verdade de uma afirmação, estando intrinsecamente ligada a posse de um saber certo concernente ao objeto, isto é, uma ideia adequada do objeto, aquilo que torna a ideia verdadeira coincide com aquilo que torna sua verdade diretamente reconhecível. (...) não há proposição verdadeira sobre algo que não seja a expressão de um saber certo sobre esse algo.<sup>20</sup>*

Ser verdadeiro ou não, é algo que só pode ser dito de um encadeamento de ideias, um pensamento, o que possui valor de verdade é o pensamento. A adequação dele com o mundo parece ser um aspecto decisivo para um pensamento ser verdadeiro, mas para Espinosa, existe um caráter intrínseco na forma da verdade. A adequação da ideia com o mundo, como dito anteriormente, não é garantia de um conhecimento verdadeiro, e tão pouco interfere em sua legitimidade, mas faz parte de sua constituição. A verdade para Espinosa possui uma característica intrínseca que a identifica, no caso de uma ideia, o que determina se ela é verdadeira ou não, é esse caráter.

*ninguém, tendo, uma ideia verdadeira, ignora que a ideia verdadeira envolve a mais alta certeza. Com efeito, ter uma ideia verdadeira não significa senão conhecer uma coisa perfeitamente ou o melhor possível. Ninguém certamente poderá duvidar disso, a menos que creia que uma ideia é algo de mudo como uma pintura num quadro, e não um modo de pensar, isto é, o próprio conhecimento,(...) sem dúvida, do mesmo modo que a luz faz conhecer a si mesma e faz conhecer as trevas, assim a verdade norma de si mesma e da falsidade (E2P43esc)*

Uma ideia não é algo estático que está no mundo assim como um objeto. E por isso sua veracidade não pode depender apenas de uma correspondência com objetos *"se pretendemos examinar as noções de verdade e certeza, não é às coisas que devemos nos dirigir, mas as ideias verdadeiras. É sobre elas que devemos refletir a fim de explicitar o que constitui a forma de verdade"*<sup>21</sup>. A verdade é uma característica intrínseca a ideia, e assim é percebida. Esse conceito de ideia envolve um processo cognitivo, em que a ideia é o ato de conhecer. Por saber como é conhecer algo verdadeiramente, eu sou capaz de perceber a sua ausência, isso é a falsidade.

---

<sup>20</sup> *ibdem* 19.

<sup>21</sup> Gleizer. 1999, pg:31.

É devido ao carácter autoevidente da verdade que uma ideia verdadeira contém mais perfeição do que uma ideia falsa. Se tal diferença se desse apenas devido a uma adequação da ideia com o objeto no mundo, a ideia verdadeira não teria nenhum aspecto intrinsecamente superior a ideia falsa, pois elas afetariam a alma de maneira semelhante. Uma diferença apenas extrínseca não garante nenhuma superioridade a ideia verdadeira. A partir do momento em que a verdade é autoevidente, a ideia verdadeira se distingue da falsa por um carácter intrínseco<sup>22</sup> a ela e não externo.

*Se a verdade da ideia se reduzisse a sua dimensão extrínseca, parece que nós seríamos forçados a adotar a interpretação realista da definição nominal da verdade. Segundo esta interpretação, uma ideia é verdadeira porque ela é conforme ao seu objeto. Neste caso, é o objeto que torna a ideia verdadeira, é a presença de uma realidade exterior que é a norma da verdade da ideia. Ora, isto é totalmente contrário a tese espinosana segundo a qual "a verdade é norma de si mesma e do falso". A adequatio deverá fornecer um aspecto complementar à definição de verdade que funcione ao mesmo tempo como norma da verdade<sup>23</sup>*

A correspondência da ideia com o seu objeto no mundo não é suficiente, mas complementar a definição de verdade.

Um importante ponto para a compreensão da teoria espinosista de que a verdade é autoevidente esta em compreender o seu conceito de ideias claras e distintas. Quando se tem uma ideia clara e distinta de algo, **esse algo necessariamente existe**, não existe a possibilidade de se ter uma ideia clara e distinta de algo, sem saber necessariamente que esse algo existe. Isto porque de acordo com as noções de ideia clara (nítida) e distinta (diferente das demais) uma ideia que corresponda a essas características, necessariamente é uma ideia de um objeto existente, o qual tive acesso, *"de nenhum modo se deve temer que finjamos algo, desde que percebamos uma coisa clara e distintamente"*<sup>24</sup>. Ser **claro** e ser **distinto** são características possíveis de serem percebidas apenas nas coisas

---

<sup>22</sup> O ato de julgar algo como verdadeiro ou falso implica na existência de um conhecimento prévio sobre a natureza da verdade, uma coleção de ideias e concepções acerca dela. Por isso, o critério para definição da verdade não pode estar apenas no mundo, está sobretudo no intelecto.

<sup>23</sup> Gleizer, 1994. Pg: 137.

<sup>24</sup> TCI 62.

existentes, as quais temos algum tipo de acesso, se a coisa não existe não tem como ter uma ideia clara e distinta dela. Posso empenhar todas as minhas forças em imaginar uma coisa o mais clara e diferentemente possível, mas a ideia disso jamais o será de fato. A ideia em meu intelecto será de alguma forma uma espécie de mosaico de coisas e ideias pré-existentes, personagens fictícios montados a partir de objetos reais e que não possuem nenhum caráter existencial, (neste caso especificamente), fora do meu intelecto.

*Quanto menos os homens conhecem a Natureza, mais facilmente podem fingir muita coisa, como sejam, as árvores falarem, os homens se transformarem num instante em pedras ou fontes, aparecerem espectros nos espelhos, o nada fazer-se algo, os próprios deuses mudarem em animais e homens, e infinitas coisas desse gênero. (TCI58)*

No TCI, Espinosa se refere a isso como *percepção fictícia*<sup>25</sup>:

*A ficção não pode ser simples, mas sim feita da composição de diversas ideias confusas, que são de diversas coisas e ações existentes na natureza, (...) pois se fosse simples<sup>26</sup>, seria clara e distinta e por conseguinte, verdadeira. (TCI64)*

Por isso, quando eu tenho uma ideia clara e distinta de maneira adequada, eu sei que ela é verdadeira, ao contrário de uma percepção fictícia. Quando eu conheço algo verdadeiramente, eu sei disso. Espinosa desenvolve ainda a conceito de ideia da ideia, trata-se de uma reflexão sobre a ideia:

*O método, em Espinosa, é o conhecimento reflexivo, a ideia da ideia, ou ainda a certeza. Ele não vem antes nem depois da aquisição ou da formação de ideias verdadeiras. É simultâneo à ideia verdadeira. Simultâneo não quer dizer, entretanto, idêntico. A ideia é diferente da ideia da ideia. E o conhecimento da essência não é o conhecimento da ideia, A ideia é a condição da ideia da ideia. Para ter-se ideia da ideia é preciso, antes, ter-se uma ideia. Entre tanto, para saber que esta ideia é verdadeira*

---

<sup>25</sup> TCI 51.

<sup>26</sup> Sobre o conhecimento das coisas simples em Espinosa: " Ora, a afetividade de um conhecimento desta índole é possibilitada pelo pressuposto de que, dada a correspondência dos atributos, a ordem da conexão das ideias, entendida como elementos simples e irreduzíveis, é igual a ordem e conexão das coisas. Assim, conhecer, é contemplar direta e intuitivamente essas ideias simples.". DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, tomo IV, José Ferrater Mora. Edições Loyola. 1994.



*não preciso esperar ter tido a ideia. Há portanto, uma prioridade da ideia sobre a ideia da ideia, sem anterioridade de um critério de verdade dessa ideia*<sup>27</sup>

Há uma ideia da afecção, que deve concordar com seu ideato, e a reflexão sobre essa ideia, que é onde se encaixam os conceitos de verdade ou falsidade. Uma ideia, isoladamente considerada, não é nem verdadeira, nem falsa. O que pode ser julgado como verdadeiro é o encadeamento destas ideias, mediante reflexão, ao produzir-se um ideia da ideia. É de acordo como as ideias são encadeadas que se determina a Verdade ou Falsidade do **conhecimento**<sup>28</sup> em questão<sup>29</sup>. As ideias que por ventura forem ordenadas corretamente, ou seja, que sigam corretamente uma ordem causal, podem ser chamadas de **afecções ativas**. Essas afecções são ativas devido a existência de uma atividade do intelecto, que é quem ordena essas ideias. Elas não são apenas imagens colocadas aleatoriamente, elas obedecem a uma ordem, uma classificação, que quando feita corretamente dará origem a um conhecimento verdadeiro. Mas, se tal ordenamento não ocorre de maneira clara e correta, o que se expressa são ordens causais incorretas, afetando a veracidade do conhecimento. Nesses casos, o intelecto humano assume uma posição **passiva** com relação aos acontecimentos no mundo e ao conhecimento que se tem dele, quanto maior essa passividade, menor o poder de agir e de conhecer. Por exemplo, ao atribuir a Deus um livre arbítrio, é como se anulássemos a nossa própria vontade, tornando-nos assim passivos quanto ao conhecimento real das causas e efeitos. A verdadeira ordem causal das coisas é a única maneira pela qual se pode chegar a um conhecimento da essência e da natureza humana. Sem ele, o que ocorre é uma distorção subjetiva, onde inverte-se causa e efeito. O que dá origem assim a um pensamento finalista, onde Deus, sendo uma extensão das características humanas, possui vontade e age sempre tendo em vista algum fim.

---

<sup>27</sup> Scala, André. 2003. Pg:122.

<sup>28</sup> Como aqui Espinosa se refere a um conhecimento passível de julgamento, podemos compreender esse termo também como Juízo.

<sup>29</sup> A verdade aqui parece poder ser relacionada apenas a maneira como as ideias foram relacionadas e ao conhecimento. Aparentemente tratam-se de características subjetivas. Como o presente trabalho se compromete apenas com a elucidação das principais características do conhecimento em Espinosa, não irei entrar, aqui, em qualquer análise sobre os problemas deste conceito em sua obra.

Espinosa tem como uma das missões da primeira parte da *Ética* mostrar a extensão das consequências desse erro, e as proporções desastrosas que esse tipo de equívoco pode causar ao desenvolvimento do intelecto humano. O equívoco principal estaria em priorizar o conhecimento do que é externo, e não o da própria natureza. Ao querer compreender um Deus transcendente, atribuiu-se a ele uma característica que não lhe pertence. Essa ignorância da própria essência é o que desencadeia os mais diversos erros, e algumas das mais características convicções do pensamento humano.

Tendo em mente esta breve estrutura de algumas concepções espinosistas, passo agora a uma exposição das estruturas cognitivas criadas pelo autor para lidar com essa realidade.

## Capítulo 2: Os gêneros de conhecimento

Quanto aos gêneros de conhecimento, em duas de suas obras, no *Tratado da Correção do Intelecto*, e na *Ética*, é reconhecida a dedicação de Espinosa em encontrar uma descrição dos modos como conhecemos as coisas.

Na *Ética*, Espinosa se baseia nos conceitos de ideia e de gênero de conhecimento para construir sua teoria do conhecimento humano. No *Tratado da Correção Do Intelecto*, o autor organiza uma estrutura cognitiva de acordo com os modos de perceber utilizados por ele para afirmar ou negar alguma coisa sem dúvida<sup>30</sup>. Em ambas as obras, a postura tomada diante de questões sobre conhecimento humano é de investigar a essência do seu funcionamento, tendo como objetivo identificar a melhor maneira pela qual podemos adquirir conhecimento.

Em um mundo onde existe apenas uma substância e todas as coisas são explicadas na medida em que elas são modos dessa substância<sup>31</sup>, tudo está intimamente ligado, e compreender a forma como apreendemos as multiplicidades de tal mundo é essencial. Justificar o conhecimento humano assim como caracterizá-lo é uma tarefa que desempenha um papel essencial no desenvolvimento do projeto ético de Espinosa.

Na *Ética*, ao percorrer uma trajetória construída de acordo com o intitulado método geométrico<sup>32</sup>, Espinosa caracteriza primeiramente Deus, uma substância única, infinita, que existe necessariamente. Na segunda parte ele passa a uma análise do conhecimento humano e sua relação com o mundo e a substância. O filósofo procura estabelecer: (a) como se relacionam essas duas coisas e quais as verdadeiras interferências que o mundo exterior realiza na capacidade de

---

<sup>30</sup>TCI18

<sup>31</sup> Espinosa no *TCI* não trata muito da questão sobre a natureza Deus, mas em nota a um trecho do capítulo 54, o autor se compromete a esclarecer tal natureza na sequência de seu trabalho "... depois em seu lugar", por isso, pressuponho aqui que a concepção espinosista acerca de Deus, já possuía os mesmos traços encontrados nas definições da *Ética*.

<sup>32</sup> O método baseia-se na definição enquanto construções das características construtivas do objeto, de um modo análogo à definição das estruturas geométricas. Dicionário de Filosofia, tomo IV, José Ferrater Mora. Edições Loyola. 1994.

raciocínio humano, (b) como ocorre o desenvolvimento intelectual, e (c) até que ponto podemos dizer que somos ativos ou passivos na hora de conhecer algo.

Para tentar elucidar melhor o pensamento do autor na *Ética*, cabe aqui realizar uma exposição desses modos em outras de suas obras. Para tal exposição, respeitando a ordem cronológica, será feita uma primeira análise das descrições dos modos de perceber no *Breve Tratado*.

## 2.1 - Os modos de conhecimento no *Breve Tratado*

No *Breve Tratado*<sup>33</sup>, Espinosa dedica o capítulo II da segunda parte, a uma descrição dos modos de conhecimento.

O capítulo intitulado: "O que são a opinião, a crença e o conhecimento claro". Uma referência aos três modos de conhecimento descritos na *Ética*. Nesta obra, temos as seguintes definições:

*... aqui diremos uma vez mais o que são a **opinião**, a **crença** e o **conhecimento claro**. O primeiro nós chamamos aqui opinião, o segundo crença, mas o terceiro é o que chamamos conhecimento verdadeiro.*

*Chamamos **opinião** ao primeiro porque está sujeito ao erro e porque jamais tem lugar com respeito a algo que estamos certos, mas só quando se fala de conjecturar e supor.*

*Chamamos **crença** ao segundo porque as coisas que apreendemos unicamente pela razão, nós não as vemos, mas somente as conhecemos pelo convencimento, no intelecto, de que devem ser assim, e não de outra maneira.*

*Porém denominamos **conhecimento claro** aquele que não é por convencimento da razão, mas sim por um sentir e um gozar a própria coisa; esse conhecimento vai muito além dos demais.*

Como autor se refere a um tipo de "sentimento" que estaria associado apenas ao conhecimento intuitivo, aparentemente esse sentimento possui um papel de destaque na distinção entre os dois modos. Mas que sentimento é esse e

---

<sup>33</sup> No prefácio de Marilena Chauí, encontram-se referências para a teoria de que o *Breve Tratado* seria um esboço da *Ética*. Talvez deva-se a isso a semelhança entre as definições dos modos de conhecimento. E é por isso que aqui ele não será analisado diretamente e com o mesmo empenho que as outras duas obras em questão. Menciono os modos de perceber desta obra, com a intenção de proporcionar uma visão mais ampla e precisa sobre o que foi produzido sobre o tema.

qual papel ele desempenha exatamente nesta teoria? Seria ele a chave principal para a distinção entre os modos?

Tal suposição parece ser muito pouco provável, pois Espinosa não se refere nenhum sentimento em suas outras obras. Como esta obra não conta com o necessário aparato conceitual, especificamente sobre a teoria do conhecimento de Espinosa, passamos então a uma análise do que ele desenvolveu no Tratado da Correção do Intelecto.

## 2.2 - Os modos de perceber no Tratado da Correção do Intelecto

Esta obra tem como objetivo tornar possível a identificação de qual melhor maneira de se conhecer as coisas, ou como ele mesmo diz, “*qual o modo de perceber que devemos adotar*” (TCI26), para alcançar, se possível for, um tipo de conhecimento que seja, ao mesmo tempo um **conhecimento verdadeiro e sem erro, e um conhecimento da essência adequada das coisas**. Sendo o segundo deles uma característica que pertence unicamente a um tipo de conhecimento superior, conseqüentemente o modo de conhecê-lo também será mais adequado do que os outros. Aqui estão as razões dadas por Espinosa para tal investigação:

*Dedicar-me-ei a corrigir o intelecto, tornando-o apto a compreender as coisas do modo que é preciso para conseguir o nosso intento. Para tanto, exige a ordem, que naturalmente temos, que aqui resuma **todos** os modos de perceber usados por mim até agora para afirmar ou negar alguma coisa **sem dúvida**, com o intuito de **escolher o melhor de todos...** (TCI18)*

O que move o autor desde o início do tratado é uma busca por um bem supremo e como alcançá-lo. No início do *TCI* temos uma breve, porém definitiva investigação sobre bens possíveis. Ao observá-los, Espinosa percebe a nocividade que tal busca é capaz de proporcionar. Como uma corrida sem um ponto de chegada, bens que são buscados cegamente pela maioria das pessoas, na realidade são prejudiciais e criam uma perigosa relação de dependência. O que gera uma distração, e impede a maioria das pessoas a uma busca por um bem verdadeiramente bom em si mesmo. Um desastre ético que para ser corrigido requer esforço e dedicação. Não basta apenas buscar o bem verdadeiro, deve-se

abrir mão de falsos bens. A importância da investigação sobre os gêneros de conhecimento de Espinosa revela neste ponto seus primeiros traços éticos.

Mediante reflexão, Espinosa se convence de que uma busca pelo bem supremo não só é possível como necessária, assim como um enfermo em condições extremas que precisa tomar seu remédio, o homem tem de buscar tal bem (TCI6). A correção do intelecto é sua única ferramenta:

*A busca pelo melhoramento do intelecto deve funcionar como um remédio contra três obstáculos éticos- as sobrevalorizações da riqueza, da fama e do prazer sensual- e como um instrumento para distinguir, avaliar e alcançar o único bem eterno verdadeiro e prático. (Garrett. 1996)*

A importância da conclusão à que Espinosa chega pode ser comparada a realização de um diagnóstico. O processo de reconhecimento da doença é crucial para que aja a procura por uma cura. Quem não sabe que está doente, não busca por remédio. A teoria do conhecimento do *TCI* inicia devido a uma investigação ética sobre a correta atribuição de valores em uma sociedade. Ao reconhecer “bens” que são buscados incessantemente, porém não possuem valor algum<sup>34</sup>, o diagnóstico obtido é de que ele mesmo encontrava-se enfermo desses males e para uma cura total seria necessário renunciá-los, e assim a tudo aquilo que não lhe é útil para adquirir um conhecimento de um bem verdadeiro e superior:

*Antes de tudo, porém, deve excogitar-se o modo de purificar o intelecto e purifica-lo quanto possível desde o começo, a fim de que entenda tudo felizmente sem erro e da melhor maneira. Da onde se poderá já deduzir que **quero encaminhar todas as ciências para um só fim e escopo, a saber, chegar à suma perfeição humana** de que falamos; e assim tudo o que **nas ciências** não nos leva a nosso fim, precisa ser rejeitado como inútil. (TCI16)*

Espinosa identifica o conhecimento científico como o seu objeto de aprimoramento. Conseqüentemente, a seguir, a obra se detém na descrição dos modos de conhecimento, sendo o conhecimento científico reconhecido como superior. O que Espinosa faz é seguir conscientemente uma natureza que, segundo

---

<sup>34</sup> O valor aqui não é em si, mas para a vida daquele que o busca.

ele mesmo,<sup>35</sup> o obriga a resumir em seu tratado, como e por quais meios ele pensa conhecer as coisas no mundo. O primeiro objetivo dessa distinção entre gêneros é identificar o melhor modo pelo qual eu conheço algo para poder lapidá-lo, segundo Marilena Chauí, (1995) “o Tratado visa oferecer a inteligência os recursos para chegar ao bem verdadeiro” (pg: 38)

No capítulo 19, encontramos as descrições desses modos:

*I- Existe uma percepção que temos por ouvir ou outro qualquer sinal que chamam “convencional” (ad placitum: arbitrário).*

*II- Existe uma percepção originária da experiência vaga, isto é, da experiência não determinada pelo intelecto, só se dizendo tal porque ocorre por acaso e não vemos nenhuma outra experiência que a contradiga, e por isso fica como irrecusável entre nós.*

*III- Existe uma percepção na qual a essência de uma coisa é tirada de outra, mas não adequadamente, o que acontece quando induzimos de algum efeito a causa, ou quando se conclui de um universal que sempre é acompanhado de certa propriedade.*

*IV- Por último, existe uma percepção em que a coisa é percebida por sua essência unicamente ou por sua causa próxima.<sup>36</sup>*

Espinosa caracteriza, aparentemente, os modos de perceber de acordo com as fontes e os métodos utilizados para conhecer as coisas. No primeiro deles, o conhecimento por testemunho, pode ser compreendido com o exemplo da sua data de nascimento, um tipo de conhecimento que é sempre transmitido da mesma maneira e do qual ele afirma nunca ter duvidado<sup>37</sup>. Tal conhecimento é

---

<sup>35</sup> TCI18.

<sup>36</sup>Um conceito de extrema importância para poder compreender quais são os pontos de análise do autor é o de conceito de **percepção**, utilizado por ele em todas as descrições de modos de conhecimento. O que aparentemente ele pretende dizer com esse conceito é compatível ao conceito de ideia. Nesse caso, o conceito de percepção aqui se aproxima mais do aspecto figurativo de determinada coisa, ou seja, a imagem que sem tem formada no intelecto sobre certos aspectos da natureza. A percepção de Espinosa não é apenas ligada aos sentidos perceptuais, como visão ou audição, mas trata-se de uma percepção mais interna ao raciocínio que se tem sobre determinada coisa.

<sup>37</sup> Aparente referência ao método da dúvida de Descartes, em oposição ao seu.

posteriormente impossibilitado de ser mais certo devido a sua fonte extremamente incerta e insegura<sup>38</sup>.

Na lista dos modos de perceber, este primeiro é “*uma percepção que se tem por...*”, uma consequência de algo, que possui sua origem em alguma outra coisa. Por mais que exista uma relação de confiança entre quem ouve e que transmite tal conhecimento, a possibilidade de engano e a proximidade que se tem do que é conhecido, se tornam as principais fragilidades deste tipo de conhecimento.

No segundo, classificado como conhecimento pela experiência vaga, temos um *conhecimento que ocorre por acaso*, ou por acidente. Só acreditamos em determinada coisa, porque **por acaso** ainda não conseguimos ver ou vivenciar nada que contradiga esse fato. Classificando como um conhecimento de uma *coisa incerta e sem fim*<sup>39</sup>, tal conhecimento se mostra ser tão inseguro quanto o primeiro, excluindo assim qualquer possibilidade de alcançar algum conhecimento superior através dele. É possível perceber, analisando textualmente as descrições dos modos analisados até agora, que assim como o primeiro modo de conhecer citado por Espinosa, esse modo é “*uma percepção originária da...*”, ou seja, ainda se trata da descrição de uma percepção que tem sua origem em alguma outra coisa.

Já o terceiro modo de conhecer se dá através de uma indução, que infere de um efeito a sua causa. Existe uma atividade racional que conclui ao se deparar com algum tipo de efeito a sua causa, o que é compatível com tirar a essência de uma coisa de outra. Tal tipo de conhecimento não é adequado. A razão pode ligar uma essência a outra através de um raciocínio correto, mas esse ainda não é o melhor modo de conhecer. O fato de tirar uma conclusão de uma coisa pela essência de outra cria uma distância, do conhecimento adequado desta coisa, o conhecimento direto da causa. O conhecimento está correto, mas não é suficiente porque com ele não se tem acesso a **essência** da coisa. O exemplo de Espinosa nos dá esse modo de conhecer como sendo o responsável pelo conhecimento que temos do nosso corpo:

---

<sup>38</sup> TCI26.

<sup>39</sup> TCI27.



*Percebemos claramente que sentimos este corpo e nenhum outro, daí, digo, concluímos que a alma está unida ao corpo, união que é causa de semelhante sensação, mas não podemos em absoluto inteligir qual seja essa sensação e união. (TCI21)*

*Com efeito, por aquela união nada entendemos além da própria sensação, a saber, do **efeito do qual concluímos a causa, sobre que nada inteligimos.** (Nota23)*

Nesta nota fica um pouco mais claro entender que a questão sobre esse terceiro modo de percepção, é que não conhecemos diretamente a **causa** exata desta sensação, temos a sensação, mas não a compreensão de sua causa, apenas induzimos de uma causa conhecida, uma essência desconhecida.

Esse pode ser um conhecimento mais superior e correto do que os outros mas o que Espinosa se refere aqui, é que usamos um modo de conhecer para obter um certo conhecimento, que por sua vez também nos dá um outro conhecimento. Esse modo é superior aos outros porque ele mesmo já se utiliza de um conhecimento previamente obtido através daqueles modos e infere um terceiro. Esse conhecimento **racional** das coisas raciocina sobre os conhecimentos já obtidos, analisa conhecimentos, e tira uma conclusão.

Ele sabe que A (através de alguma percepção), e infere dele B. Continua sendo um **modo de conhecer** mesmo já lidando com conhecimentos pré-existentes neste intelecto para formar um terceiro, ou seja, inferir do efeito a sua causa, eu sinto esse corpo e disso concluo que minha alma está unida a ele. Eu vejo o sol pequeno, mas como sei que ele está muito longe, infiro que ele seja maior do que o que eu vejo. Se estiver perto de um amigo, que me parece ser do meu tamanho, e percebo que quando ele se afasta, que ele parece menor do que me parecia antes. Acabo concluindo que tudo o que se afasta de mim, diminui visualmente. É uma forma de conhecer que me dá um conhecimento certo, mas não é do mesmo modo que tenho acesso a essência das coisas, e por isso ele não é tão superior quanto o conhecimento intuitivo.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Superior na própria organização do Espinosa.

O quarto gênero de conhecimento, a intuição intelectual, percebe a coisa “por sua essência unicamente ou por sua causa mais próxima”<sup>41</sup>. É através dele que seremos capazes de compreender a união da mente com a natureza e assim chegarmos à compreensão de um bem supremo.

Essa maneira diferente das outras de se conhecer as coisas, é exemplificada por Espinosa com o exemplo da quarta proporcional (regra de três), uma operação matemática que uma vez aprendida, nunca mais sai do seu intelecto:

*Dizem comumente os comerciantes saber como descobrir esse quarto número, porque sem dúvida, ainda não esqueceram a operação que aprenderam de seus mestres “despida”, isto é, sem demonstração. Outros, contudo, pela experiência dos casos simples, fazem um axioma universal, ou seja, quando é patente por si o quarto número como em 2, 4, 3, 6, pois experimentam que, multiplicando-se o segundo pelo terceiro e dividindo-se o produto pelo primeiro, obtém-se o quociente 6; e como vêm que se chega a ao mesmo número que sabiam ser proporcional sem essa operação, concluem que se trata de uma operação sempre boa para descobrir o quarto número. (TCI23)*

Uma operação matemática, que apesar de muitos já saberem fazer sem qualquer demonstração, possui mesmo assim uma maneira de se fazer um axioma universal. Com o exemplo matemático é possível perceber o caráter intuitivo ao qual o autor se refere, pois a intuição é um conhecimento sem demonstração. Eu sei que 2 está para 4 assim como 3 está para 6, se usasse essa forma de calcular frequentemente, seria capaz de fazer cada dia cálculos mais complexos usando ela. É um conhecimento da essência dos números e da essência das relações entre eles, por isso quem conhecer essas essências não necessita de demonstrações para chegar a uma conclusão. Esse é o tipo de conhecimento que Espinosa pretende que tenhamos da natureza, por exemplo. Pois ao entender a essência da natureza como um todo, a percepção de que faço parte dela e como se dá essa relação “fazer parte da natureza” será clara, e a felicidade será uma consequência disso.

Os dois primeiros são modos de conhecer as coisas mais simples, e para raciocinar sobre essas coisas temos esses modos superiores, que não deixam de

---

<sup>41</sup> TCI19.

ser modos de conhecimento pelo fato de lidarem com conhecimentos prévios, mas sim por que eles mesmo são fontes para a obtenção de conhecimentos cada vez mais complexos. Espinosa explica o caráter evolutivo que pode conter esse conhecimento, e como pode ser gradualmente desenvolvido o conhecimento intuitivo. Como uma ferramenta que para ser inventada demanda enorme esforço, mas uma vez produzida pode ser fonte de seu próprio aprimoramento e de outros objetos, o conhecimento intuitivo primeiramente se mostra ser mais complexo, mas uma vez atingindo-se esse conhecimento, é possível um desenvolvimento do modo pelo qual você o atingiu, com a possibilidade de alcançar conhecimentos cada vez mais superiores. Assim como ao construir uma escada, em que é possível se utilizar o degrau construído para a confecção do próximo. Da mesma forma, como os modos pelos quais obtemos conhecimento, os diferentes conhecimentos podem ser verticalmente organizados em uma estrutura, de acordo com o sua utilidade e benefício ao entendimento e a alma humana.

Espinosa ao descrever esses modos de conhecimento os coloca como “*uma percepção **na qual***” e “*uma percepção **em que***”. Aparentemente ele não está mais falando das origens das percepções, ou, as fontes pelas quais adquirimos certas percepções, e passa a falar **diretamente da percepção** em si, e não de onde ela veio. Esta diferença faz referência não apenas as origens das percepções, mas a constituição delas. Os modos de conhecimento são organizados da seguinte maneira: (1) uma percepção que **temos por**, (2) uma percepção **originária da**, (3) uma percepção **na qual**, e finalmente o modo mais superior de perceber (4) uma percepção **em que** a coisa é percebida. Existiria aqui um salto entre descrições de modos de conhecer, para descrições de um conhecimento em si?

Aparentemente sim, no *TCI* os dois primeiros modos de conhecer que são explicados na medida em que se tem um acesso perceptual as coisas, são inferiores devido a uma ineficácia da percepção em afetar a alma adequadamente. O terceiro modo de conhecimento, em que o autor descreve um conhecimento racional do qual se infere de um efeito a sua causa, apesar de adequado, ainda não é o modo de conhecer capaz de proporcionar acesso a um conhecimento superior. O conhecimento racional não é capaz de conhecer a essência das coisas. Por último o

conhecimento em que a coisa é conhecida por sua causa próxima, é através deste que se tem um acesso à essência das coisas, e conseqüentemente, um conhecimento legitimamente superior aos outros.

No que diz respeito à investigação a que este trabalho se propõe a realizar acerca das condições para se ter um conhecimento legitimamente classificado como verdadeiro, se aceitarmos a definição antiga de conhecimento, em que conhecimento deve ser verdadeiro e justificado, o conhecimento racional se mostra suficiente. Porém, se o objetivo for responder a pergunta feita sobre o conhecimento de acordo com a concepção espinosista, será necessária uma investigação mais aprofundada sobre seus modos de conhecimento, e para isso, a análise do texto encontrado na *Ética* é essencial. Se Espinosa tivesse como sua filosofia definitiva o *TCl*, poderíamos satisfazer a tal estudo com esta resposta. Como não é o caso e a *Ética* é sua obra de maior relevância do que diz respeito a sua teoria do conhecimento é preciso analisar se Espinosa mantém sua concepção e se analisando os modos de conhecimento na *Ética*, esta resposta se mantém. Para um maior esclarecimento geral da teoria e não restringida apenas ao *TCl*, passo agora exposição dos gêneros de conhecimento da *Ética*.

### 2.3 - Os gêneros de conhecimento na *Ética*

No escólio II da proposição 40 da segunda parte da *Ética* inicia a distinção dos dois primeiros gêneros de conhecimento, que Espinosa identifica como a **capacidade de criar noções universais através das percepções** que temos, e esses gêneros são as diferentes maneiras as quais relacionamos essas noções:

*[...] nós temos muitas percepções e formamos noções universais:*

*1º) das coisas singulares que os sentidos representam mutiladas, confusas e sem ordem à inteligência,[...] conhecimento pela experiência vaga<sup>42</sup>;(ou testemunho alheio, é como conhecemos a nossa data de nascimento, por exemplo);*

---

<sup>42</sup>- “Pela experiência vaga, sei que hei de morrer: afirmo-o porque vi que todos os outros, iguais a mim morreram, ainda que nem todos vivessem o mesmo lapso de tempo, nem sucumbissem pela mesma doença” (TCI20).

2º) dos sinais, por exemplo, do fato de termos ouvido ou lido certas palavras, nos recordamos das coisas, [...] **Conhecimento do primeiro gênero, opinião ou imaginação;**

3º) finalmente, do fato de termos noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas, [...] **Razão e conhecimento do segundo gênero.**

Com essa diferenciação Espinosa pretende expor uma variedade na maneira como formamos o que ele chama de noções universais. Essa variedade, contudo, organiza-se segundo o modo pelo qual representam seu objeto, bem como pela sua relação com a verdade e, finalmente, pelo modo de vida afetiva que caracterizam.

O conhecimento de primeiro gênero é “a causa única de falsidade”<sup>43</sup>. Espinosa afirma que é desse modo de perceber as coisas que formamos todas as ideias confusas e inadequadas. Dessas ideias confusas, surge a falsidade. Porém, o fato de esse gênero de conhecimento ser a única fonte de falsidade, não implica que necessariamente, todo conhecimento obtido desta maneira o seja. Se há um conhecimento falso, sua origem está no fato de termos apreendido algo, erroneamente, através de imagens e sinais. Não é necessário que todo conhecimento obtido desta maneira seja errado. Este conhecimento é contingente, pois é derivado de uma afecção accidental.

*O primeiro gênero de conhecimento, denominado de opinião ou imaginação, inclui a percepção sensível e a imaginação propriamente dita, isto é, a representação das coisas exteriores como presentes a partir das ideias de suas imagens formadas no corpo humano. (...) elas dependem tanto da natureza dos corpos que nos afetam, quanto da natureza e da situação do nosso corpo. (Gleizer, 2005. Pg24)*

Este conhecimento se limita ao conhecimento que se pode ter de algo unicamente ao ser afetado por ele, são imagens de afecções cujas causas são ignoradas.

No que diz respeito a razão, é da sua natureza perceber as coisas como verdadeiramente, como elas são em si mesmas. A limitação da razão está no acesso que se tem ao objeto de conhecimento, que não proporciona um conhecimento

---

<sup>43</sup> E2P41.

direto, por isso mais correto, de sua causa, apenas por inferência. A razão percebe as coisas como necessárias: *"É da natureza da razão perceber as coisas verdadeiramente, como elas são em si mesmas, isto é, não como contingentes mas como necessárias (E2P44d)"*.

A ciência intuitiva contém sua superioridade aliada a capacidade cognitiva de conhecer diretamente a essência do objeto de conhecimento, e sua causa. Mais do que um conhecimento, o conceito desse gênero se ampara em uma noção de compreensão completa do objeto e de suas relações com outros objetos. Devido ao monismo substancial, se você conhece algo essencialmente, esse conhecimento inclui o conhecimento da maneira como esse algo se relaciona as outras coisas.

Na concepção espinosista em que *"conhecer é conhecer pelas causas"* podemos classificar os gêneros de conhecimento de acordo com as relações que eles mantêm com a causa dos objetos por eles conhecidos. A distinção feita é entre a maneira como o objeto afeta nosso corpo, ou a como ele no aparece e a sua natureza. O primeiro gênero ignora as causas, constata apenas os efeitos e limita-se a isso. O segundo gênero infere a causa de seu efeito, não conhece a causa. E o terceiro gênero é ele mesmo o conhecimento da essência, e contém em si o conhecimento da causa.

#### **2.4 - As diferenças entre os modos de conhecimento**

Ao iniciar sua descrição dos modos de conhecimento no *TCI*, Espinosa declara que o resumo será feito de acordo com os modos de perceber usados por ele até o momento para afirmar ou negar alguma coisas sem dúvida. Na *Ética* a descrição resulta do fato de termos muitas percepções e formarmos noções universais de tais e tais coisas. Esta é a primeira diferença.

Quanto às diferenças entre os modos de conhecimento, no primeiro e mais precário deles não encontramos muitas objeções ou mal entendidos. O conhecimento por sinais, como ler ou ouvir falar. Há aparente limitação no que se pode conhecer apenas perceptualmente, além da grande possibilidade de incerteza e erro. Ao longo de suas obras, Espinosa mantém as características deste modo de

conhecer. O que ocorre de uma obra para outra é uma espécie de compilação dos dois primeiros modos de conhecimento do *TCI*, em apenas um na *Ética*, mas a estrutura destes é basicamente a mesma. Já com relação aos conhecimentos de segundo e terceiro modos é possível encontrarmos algumas mudanças.

No primeiro modo, você não precisa sujar as mãos para obter conhecimento, algum outro vai lá, faz isso por você, e depois te conta. Ou, você pode conhecer as coisas sujando as mãos, colocando a mão na massa e obtendo algum conhecimento dessa massa. O que o limita a todo o conhecimento que se pode ter de uma a massa ao botar a mão nela. Você pode descobrir muitas coisas, das quais a maioria pode estar correta. Mas conhecimento que você obtém dessa forma, é sobre como a massa te afeta, e não de como a massa é.

No segundo gênero de conhecimento, existe um encadeamento de ideias, você não é apenas afetado e reage passivamente colhendo os dados desta afecção, existe uma atividade. Quando concluímos de algum universal que ele está sempre acompanhado de certa propriedade, não fazemos nada mais além de encadear em nosso intelecto e memória todas as vezes que vimos ou tivemos algum contato com esse universal, e compará-las. Como todos os cães com que tive contato sempre se comportaram da mesma maneira. Posso concluir que todos aqueles que são cães, mantêm certas propriedades, como latir, por exemplo. A razão percebe a necessidade das coisas verdadeiramente<sup>44</sup>.

Com base nos exemplos dados pelo autor<sup>45</sup>, o que Espinosa pretende ao se referir com o fato de *concluirmos de um universal que é sempre acompanhado de certa propriedade*, é aproximadamente, o mesmo que dizer sempre que vejo um cachorro, eu sei que ele late. O cachorro é uma noção universal, que é sempre acompanhada da propriedade de latir. O mesmo parece ocorrer com a definição da *Ética*, onde ele diz que “formamos noções universais do fato de termos noções comuns e ideias adequadas das coisas”, a noção comum aqui se equipara a noção de universal. Existe um consenso quanto a isso, é uma ideia que todos têm em

---

<sup>44</sup> E2P44D.

<sup>45</sup> TCI20.

comum. A ideia adequada parece ser a ideia de que todos os cachorros latem. Quando ele diz no *TCI* que concluímos dos universais que eles são acompanhados sempre de certa propriedade, ele parece estar se referindo ao que na ética encontra-se descrito como noções comuns, essas certas propriedades do *TCI* são as noções comuns da ética, que igualmente acompanham os universais.

Espinosa esclarece na *Ética*, algumas causas das noções comuns, tendo em vista uma delimitação da utilidade destas. Ele afirma ainda existirem três tipos de noções comuns, as que são comuns a todos, e as que são claras e distintas apenas para aqueles que estão livres de preconceito, e as que estão mal fundadas. Espinosa pretende estudar estas noções de acordo com a suas causas, e cita noções como "transcendental", que segundo ele, só existem devido a uma limitação do corpo humano. A limitação física do ser humano o impõe também uma limitação cognitiva<sup>46</sup>. O ser humano não é capaz de reter todos os dados que obtém dos sentidos ao longo do tempo, e acaba embaralhando as imagens adquiridas. Espinosa reconhece aqui a limitação da capacidade cognitiva humana, como sendo a causa das noções comuns. O corpo limita a capacidade de conhecer da alma.

Porém, no *TCI* o terceiro modo de conhecimento - que corresponde a razão na *Ética*- não é definido de acordo com as noções comuns que forma mas sim na medida em que se conclui de um universal que ele é sempre acompanhado de determinada propriedade. Mas qual exatamente é o conceito de universal para Espinosa?

No exemplo único dado pelo autor para a compreensão de cada um dos modos de conhecimento, onde ele pretende esclarecer o funcionamento modo racional, o autor se refere a matemáticos, que devido à demonstração de Euclides, sabem quais são os números proporcionais entre si. Em outro exemplo do conhecimento racional, por percebemos apenas este corpo e nenhum outro, concluímos com clareza que a alma esta unida ao corpo.

---

<sup>46</sup> E2P40esc1.



Tomando estes dois exemplos, se separarmos o que é o universal, e qual é a propriedade que o acompanha sempre, teremos, no primeiro exemplo: "o número que se obtém ao multiplicar o primeiro número pelo quarto é **sempre igual** ao produto da divisão do segundo pelo terceiro", o universal é a equação, que esta sempre acompanhada da propriedade de resultar em um número oculto que esta sendo procurado. No segundo exemplo o universal é o corpo que está sempre acompanhado da propriedade de ter uma alma. Sendo assim, o conceito de universal não parece estar muito longe do conceito de noções comuns utilizada na *Ética*:

*...é da natureza da Razão considerar as coisas como necessárias e não como contingentes. Ela percebe a natureza das coisas verdadeiramente, isto é, como ela é em si mesma. Mas essa necessidade das coisas é a necessidade mesma de Deus. É, portanto, da natureza da Razão considerar as coisas sob esse aspecto de eternidade. Acrescente-se que os fundamentos da Razão são noções **que explicam o que é comum a todas as coisas** e que não explicam a essência de nenhuma coisa singular; e que, por conseguinte, devem ser concebidas sem qualquer relação de tempo, mas sob um certo aspecto de eternidade.<sup>47</sup>*

Ao citar essa passagem pretendo esclarecer dois pontos, o primeiro é, como a razão dá conta do que é comum a todas as coisas, ela não mostra o singular, logo não tem relação com o tempo e por isso só é capaz de perceber as coisas sob o aspecto de eternidade. O segundo ponto, que diz respeito ao que vinha sendo desenvolvido no texto sobre qual a relação entre noções comuns da *Ética* e os universais do TCI. Quando Espinosa afirma que as noções comuns são sobre **todas** as coisas, aparentemente esse conceito de noção comum se aproxima do conceito de universais. O que é de todos, corresponde a todos e pode ser por ventura ser chamado também de universal.<sup>48</sup>

Através da razão compreendemos apenas o que é comum a todas as coisas, ou o que é universal. Deixando de fora, o conhecimento da essência singular destas coisas. Através dela você terá um conhecimento correto e até exato, mas conhecerá

---

<sup>47</sup> E2P34d.

<sup>48</sup> O conceito de universal pretendido por Espinosa aparentemente é o de um universal metafísico ou considerado em si mesmo, também chamado de universal direto.

a essência das coisas. Pode inferir as causas das coisas serem como são, e estarem como estão, mas mesmo assim, a essência não será conhecida.

É preciso ainda, desenvolver um modo melhor de conhecer e esse modo é identificado por Espinosa como **ciência intuitiva**, na qual o acesso a essência não só existe como é imediato. Você nem precisa sujar as mãos para ter esse conhecimento, investigar se restringe ao perímetro da razão, aqui, nenhum tipo de investigação se faz necessário, você já sabe. Assim como a quarta proporcional, exemplo no qual, intuitivamente, um ser humano que aprendeu algo sem demonstração resolve rapidamente um questionamento matemático. Esse é para Espinosa o mais elevado modos de conhecer.

O principal traço que separa o conhecimento racional do conhecimento intuitivo são basicamente os conceitos de **causa** e **essência**. No conhecimento racional conhecemos corretamente pela causa, é um conhecimento verdadeiro, mas não temos o conhecimento adequado da essência. Com a ciência intuitiva, é possível compreender a essência adequada da coisa, e assim como no conhecimento racional, sem perigo de erro. Em um exemplo dado por Espinosa, ele mostra que esse tipo de conhecimento é capaz de comportar diferentes graus de conhecimento. Assim como o primeiro ferro que foi forjado sem o auxílio de qualquer outra ferramenta de ferro. A ciência intuitiva pode ser desenvolvida, para a obtenção de conhecimentos cada vez mais superiores. Assim como uma ferramenta que pode ser aprimorada, posso desenvolver meu intelecto a desempenhar cada vez melhor essa função, melhorando também o produto final obtido através do uso desta ferramenta. Assim como uma ferramenta que ao ser aprimorada, gradativamente, nos dá um produto de seu uso cada vez melhor, o intelecto humano ao ser aprimorado, nos dará um conhecimento cada vez melhor das coisas, e com menos esforço. O intelecto faz para si instrumentos intelectuais, e por meio deles adquire outras forças para outras obras intelectuais<sup>49</sup>. Ou seja, cabe ao próprio intelecto o seu aprimoramento. Porém, se existe um desenvolvimento gradativo, deve haver algum limite, ou não? A questão é, até que ponto posso

---

<sup>49</sup> TCI31.

desenvolve-lo. Segundo Espinosa, tal desenvolvimento é possível até o intelecto atingir o cume da sabedoria. Ao escalar uma montanha, quando eu chego em seu topo eu sei que estou no mais alto ponto que se é possível chegar. O mesmo ocorre com o conhecimento humano, quando chegar ao conhecimento da união que a mente tem com toda a natureza<sup>50</sup>, saberei que estou de posse do mais superior conhecimento possível. Apenas ao conhecer a essência de Deus, eu percebo que minha mente faz parte dela, e compreendo esta união.

## 2. 5 - Qual o melhor gênero de conhecimento?

De acordo com a estrutura cognitiva construída por Espinosa, qual dos gêneros de conhecimento satisfaz as condições de possibilidade, e oferece os meios necessários para se adquirir um conhecimento verdadeiro?

Se tomarmos o conceito tradicional de conhecimento, crença verdadeira e justificada, então a razão dá conta, por ser um meio pelo qual adquirimos esse conhecimento verdadeiro e justificado. A justificação antiga, é compatível a adequação de Espinosa.

Mas, se a concepção de conhecimento a ser satisfeita é a concepção espinosista, em que conhecer é conhecer pela causa, o único gênero de conhecimento que satisfaz tal definição é a ciência intuitiva, que estará apta a revelar ao intelecto humano um conhecimento legitimamente verdadeiro:

*Do terceiro -razão- , diga-se de certa maneira, temos a ideia adequada da coisa e também que concluímos sem perigo de erro; mas não será por si um meio para adquirirmos a nossa perfeição. (...) Só o quarto modo -intuição- compreende a essência adequada da coisa e sem perigo de errar. por isso é que devemos usá-lo ao máximo."(TCI28 e 29)*

Porém, a tarefa à que o presente trabalho se propôs inicialmente, foi a de investigar a maneira pela qual Espinosa responde a questão do conhecimento e a sua concepção sobre os **procedimentos** para obtenção de um conhecimento em sentido próprio. Neste caso, é possível dizer da ciência intuitiva que ela é um **meio**

---

<sup>50</sup> TCI12.

para a obtenção de conhecimento ou de acordo com a descrição espinosista, a ciência intuitiva é um conhecimento em si?

*Com a razão atingimos um conhecimento universal e necessário. (...) com as ideias adequadas da ciência intuitiva o conhecimento verdadeiro alcança a singularidade dos objetos, pois com essas ideias as essências singulares das coisas são inferidas a partir da ideia adequada de certos atributos de Deus. (Gleizer, 2005. Pg.27)*

Nesta definição de razão e ciência intuitiva de Gleizer, ele explica o funcionamento da ciência intuitiva de acordo com as ideias adequadas que a compõem. O próprio Espinosa, se refere a esse gênero já como um conhecimento, "o que, porém, pude inteligir até agora com esse conhecimento foi muito pouco" (TCI22). O que temos, é uma estrutura cognitiva onde os primeiros gêneros de conhecimento descrevem os processos pelos quais obtemos conhecimento e o último deles, é uma descrição de um conhecimento que não necessita de meios, nem deduções ou inferência, é um conhecimento direto da essência das coisas, sem demonstração.

*O quarto conhecimento, o qual é o conhecimento de Deus, não provém de outra coisa, mas é imediato, é algo que decorre com evidência, isto é, que ele é a causa de todo o conhecimento que somente é conhecido por si mesmo e não por nenhuma outra coisa, de onde também se segue que nós estamos por natureza unidos a ele de tal maneira que sem ele não podemos existir nem ser entendidos. E posto que entre Deus e nós há uma união tão estreita, é evidente que não podemos entendê-lo senão imediatamente (Breve Tratado. Capítulo 22, parágrafo 4º)*

Por não se tratar de um meio para adquirir um conhecimento, mas ser a descrição de um conhecimento direto, que a ciência intuitiva não se encaixa em uma investigação sobre meios de se adquirir conhecimento. Esse tipo de conhecimento não necessita de meios. O meio da ciência intuitiva, é a intuição, porém, ser intuitivo é ser conhecido sem a necessidade de demonstração. Sendo assim, o que temos é que, ser o meio pelo qual se obtém esse conhecimento, é não ter meios. No *Breve Tratado*, Espinosa se refere a um *sentir e um gozar a própria coisa*. Esses termos são abandonados posteriormente pelo autor, que insiste em definir esse gênero de conhecimento como não sendo passível de demonstração.

Aparentemente o termo *sentir* foi abandonado devido a sua analogia com o significado do que se tem acesso perceptualmente, através dos sentidos. Mas o que me parece aqui é que o sentimento a que Espinosa se refere, seria um sentimento não restrito a experiência, mas sim um "sentimento da alma". A contemplação direta da verdade e da essência das coisas, é um conhecimento superior, sua fonte deve ser igualmente superior.

Sendo assim, mesmo na teoria espinosista sobre o conhecimento humano, se quisermos responder adequadamente a questão sobre procedimentos adequados para adquirirmos um conhecimento verdadeiro, é a razão que cumpre o papel principal. É a razão que deve inteligir corretamente a ordem das coisas. A ciência intuitiva é tida como meio para a perfeição, e a razão o principal meio para o conhecimento. No *Breve Tratado* Espinosa afirma, que a razão, apesar de ser o único modo capaz de nos livrar de todas as paixões que são contrárias a ela, "*não tem nenhum poder para nos conduzir a nosso bem estar*"<sup>51</sup> e que este deve ser alcançado pelo quarto e último modo de conhecimento, no caso, a ciência intuitiva.

---

<sup>51</sup> *Breve Tratado*, Capítulo 22.

## Conclusão

Conhecimento e ética estão intimamente ligados em toda a teoria espinosista. A investigação sobre os modos de conhecimento possui como finalidade a descoberta de um meio para a perfeição, além de uma investigação sobre o conhecimento humano.

*A distinção entre intelecto e imaginação e a teoria dos três gêneros de conhecimento, definem as categorias cognitivas sobre as quais Espinosa baseia sua teoria ética e em cujos termos ela é formulada. (Garrett. 1996. Pg, 339)*

No *TCI*, Espinosa constata nocividade de falsos bens, e ataca a pretendida busca por eles. Na *Ética*, a vida que é guiada de acordo com as paixões, também deve ser evitada, devido a sua passividade diante de certos sentimentos e emoções. As pessoas buscam seus objetivos baseados em apetites e desejos. Ao desenvolver o intelecto e aprimorá-lo, serão capazes de perceber essa influencia das paixões e só assim poderá haver alguma intervenção. Após controlar as paixões e ser capaz de ter uma vida "livre" delas, a compreensão do mundo, das coisas e de suas causas será mais clara e só assim será possível a compreensão da essência divina.

Quando atingido o conhecimento adequado da essência divina, a percepção de como se dá a união da mente e sua natureza será clara, e esse será o bem supremo. O resultado desse entendimento é por si só a felicidade. O objetivo é, desenvolver o intelecto até o ponto em que ele esteja apto a conhecer a essência divina, tal conhecimento traz em si a compreensão de que a mente faz parte dessa natureza, sendo esse conhecimento em si a própria felicidade. Esse é o bem supremo e tudo o que for feito para alcançá-lo será um bem verdadeiro. A compreensão de que o intelecto humano é parte integrante de um sistema complexo de uma única realidade.

A ideia de individuo é uma ilusão dada devido a uma limitada capacidade de compreensão, do mundo, das coisas e principalmente na nossa relação com tudo isso. A mente não se restringe ao corpo, mas o pensamento sim. Apesar disso, seu aprimoramento pode ser buscado através de um desenvolvimento intelectual, um melhoramento das capacidades cognitivas, para que aja uma compreensão

dessas relações. A filosofia espinosista aponta um erro recorrente, que é o pensamento de que somos seres totalmente individuais e independentes. Porém, para chegar a um reconhecimento da unidade da natureza é preciso realizar um trabalho que aparentemente é individual. Ou seja, para reconhecer a conexão com tudo, é preciso que o intelecto se desenvolva isoladamente. Provar o bom raciocínio, raciocinando<sup>52</sup>.

Podemos dizer que, foi a razão quem o levou a identificar os bens que até então procurava, como não sendo bens. Foi através da razão que o autor foi capaz de diagnosticar-se doente. E é através do desenvolvimento desta razão que ele será capaz de identificar a existência de um conhecimento superior, o terceiro gênero de conhecimento ou **ciência intuitiva**:

*Esse gênero de conhecimento procede da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas. (E2P40esc)*

E é através do desenvolvimento adequado deste gênero, que será possível alcançar-se uma vida ética e conseqüentemente superior. Segundo Don Garret (1996), o objetivo de Espinosa é:

*Mostrar aos seres humanos como alcançar um modo de vida que transcenda em ampla medida apetites transitórios e que tenha como conseqüências naturais o controle autônomo sobre as paixões e participação na beatitude eterna”; na página 333 ele diz também: “Spinoza buscava principalmente melhorar o caráter dos seres humanos – tanto os seus como o dos outros – melhorando sua auto compreensão. (p. 334)*

É de uma auto-compreensão, que vem com o desenvolvimento da capacidade de identificar corretamente o que realmente te faz bem e o que te faz mal, que será possível conhecer o que é o bem verdadeiro, e é através desse desenvolvimento que se aprimora o caráter ético do homem. No *TCI*, Espinosa enfatiza mais de uma vez que o método<sup>53</sup> descrito pela obra, além da correção do intelecto, visa coibir esse intelecto de buscar coisa que lhes são inúteis<sup>54</sup>. A principal motivação desses

---

<sup>52</sup> TCI44.

<sup>53</sup> Descrição detalhada do método TCI49.

<sup>54</sup> TCI37 e TCI49.

estudos para Espinosa foi o reconhecimento de suas limitações e confusões com relação à seus próprios valores. Ao investigar a natureza do conhecimento humano, Espinosa constrói a base de sua teoria ética, onde o terceiro gênero de conhecimento não é se não a única via para a perfeição.



## Bibliografia

- BARTUSCHAT, Wolfgang. *Espinosa. Introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- CURLEY, Edwin M. *Behind The Geometrical Method: A Reading of Spinoza's Ethics*. Princeton University Press, 1988.
- DELBOS, Victor. *O espinosismo. Curso preferido na Sorbonne em 1912-1913*. São Paulo: Discurso, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza. Cours Vincennes - 24/01/1978*. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em:  
<<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>)
- DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. Tradução J. Guinsburg; Bento Prado Jr. Coleção "Os Pensadores", 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, tomo IV, José Ferrater Mora. Edições Loyola. 1994.
- ESPINOSA, B. de. *Opera*. Edição Carl Gebhardt. 4vols. Heidelberg: Carl Winters, 1925.
- ESPINOSA, B. de. *Tratado da Reforma do Intelecto*. Coleção "Os Pensadores", 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ESPINOSA, B. de. *Ética*. Coleção "Os Pensadores", 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- GARRET, Don (ed.). *The Cambridge Companion to Spinoza*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996
- GARRET, Don. "Spinoza's ethical theory". In: GARRET, Don (ed.). *The Cambridge Companion to Spinoza*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 267-314, 1996.

- GARRET, Don "Spinoza's Theory of Scientia Intuitiva," in: *Scientia in Early Modern Philosophy*, edited by Tom Sorrell, G.A.J. Rogers, and Jill Kraye (Springer, 2009): 99-116
- GAUKROGER, S. (2006). 'Knowledge, Evidence and Method'. in D Rutherford (ed.), *The Cambridge Companion to Early Modern Philosophy*. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 39-66.
- GLEIZER, M. A. "Considerações sobre o conceito de certeza em Espinosa". *Kriterion*, v. {XXXIX} (9), p. 158-175, 1998.
- GLEIZER, M. A. "Espinosa e a idéia-quadro cartesiana". *Analytica*, v. 3, n. 1, 1998.
- GLEIZER, M. A. Considerações sobre o problema da verdade em Espinosa". *Discurso*, v. 24, p. 129-145, 1994.
- GLEIZER, M. A. *Verdade e Certeza em Espinosa*. Coleção "Philosophia". Porto Alegre: L&PM, 1999.
- GLEIZER, M. A. (2005). *Espinosa e a afetividade humana* (Vol. 53). Zahar.
- GUEROULT, Martial. *Spinoza*. 2 vols. Paris: Aubier-Montaigne, 1968.
- HAMPSHIRE, Stuart. *Spinoza*. Madrid: Alianza, 1999.
- HUENEMANN, Charlie. *Interpretando Espinosa. Ensaio Críticos*. Madras, 2010.
- MATHERON, A. "Spinoza and Euclidean Arithmetic: The Example of the Fourth Proportional". In: GRENE, M.; NAILS, D. (Eds.). *Spinoza and the Sciences*, p. 125-150, 1986.
- MOREAU, Pierre-François. *Espinosa e o espinosismo*. Porto: Europa-América, 2004.
- NADLER, Steven M. *Espinosa. Vida e obra*. Porto: Europa-América, 2003.
- PINHEIRO, U. "Ideia e asserção na teoria da mente de Espinosa". *Analytica*, v. 3, n. 2, p. 101-127, 1998.

PLATÃO, *Teeteto*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Série: Diálogos, V. IX. Belém: UFPA, 1973.

REZENDE, C. N. “Os perigos da razão segundo Espinosa. A inadequação do terceiro modo de perceber”. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v. 14, n. 1, p. 59-118, 2004.

SCALA, André. *Espinosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

TEIXEIRA, Lívio. *A Doutrina dos Modos de Percepção e o Conceito de Abstração na Filosofia de Espinosa*. Reedição. São Paulo: UNESP, 2002.

TEIXEIRA, Lívio. *Tratado da Reforma da Inteligência*. Editora Nacional. SP. 1966.

WILSON, Margaret D. “Spinoza’s Theory of Knowledge. In: GARRET, Don (ed.). *The Cambridge Companion to Spinoza*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 89-141.